

## FAIXA RIBEIRA MERIDIONAL: COLAGEM DE TERRENOS MESO E NEOPROTEROZÓICOS

Ginaldo A. C. Campanha<sup>1</sup>; Miguel A. S. Basei<sup>1</sup>; Caetano Juliani<sup>1</sup>; Frederico M. Faleiros<sup>1</sup>  
<sup>1</sup>Instituto de Geociências da USP (ginaldo@usp.br)

Dados geológicos mais recentes têm indicado que a idade brasileira da Faixa Ribeira está relacionada principalmente a um extenso tectono-metamorfismo e plutonismo de arco magmático, seguido de um período de tectônica transcorrente e granitogênese extensional, enquanto que as idades de sedimentação e vulcanismo de muitas de suas seqüências supracrustais parecem ser significativamente mais antigas. Desta forma, a região pode ser considerada como uma amálgama de terrenos de idades meso- a neoproterozóicas, justapostos ao final do Neoproterozóico pela colisão oblíqua entre os crátons do São Francisco, Congo e Paraná. Com base em resultados U–Pb SHRIMP mais recentes e na correlação entre as diversas unidades litoestratigráficas, uma série de terrenos tectônicos com estruturação NE pode ser reconhecida, os quais seriam de NW para SE: a) um remanescente de margem passiva ou arco de ilhas, constituído por metacarbonatos com estromatólitos, associados com meta-arenitos arcosianos, filitos, metavulcânicas e metabasitos (parte de grupos Itaiacoca e de São Roque), provavelmente neoproterozóicos (Criogeniano); b) plataformas carbonáticas mais distais, mas ainda de ambiente nerítico (Subgrupo Lajeado, Formação de Água Clara, Grupo de São Roque na região de Votorantim e porção carbonática do Grupo Votuverava), com idade incerta, de neoproterozóica (Criogeniano) a mesoproterozóica (Ectasiano); c) depósitos turbidíticos e *slumpings* neoproterozóicos tardios (Ediacarano) (Formação Iporanga e partes do Grupo Votuverava e Subgrupo de Ribeira); d) depósitos de águas mais profundas e/ou distais associados com rochas metabásicas mesoproterozóicas, que gradam para depósitos costeiros (parte do Subgrupo Ribeira, Formação Perau, Grupo Serra de Itaberaba); sendo os metabasitos tanto semelhantes a MORB como a basaltos de arco de ilhas imaturo; e) seqüências de xistos pelíticos-psamíticos de grau metamórfico médio, provavelmente neoproterozóicos antigos (Toniano) (Complexo de Embu); f) seqüências de plataforma rasa imbricadas com embasamento (Formação de Capiru, Grupo Setuva, Complexo de Turvo-Cajati), com forte sobreposição de eventos brasileiros, ocorrendo principalmente a sul do Lineamento Lancinha, em contato com o Complexo Atuba (gnáissico-migmatítico) por zonas de cisalhamento de baixo ângulo; metamorfismo de alta pressão (tipo "colisional") tem sido reconhecido nessas unidades; g) um fragmento cratônico antigo (paleoproterozóico a arqueano) representado pelo terreno Luís Alves, separado dos terrenos anteriores pela zona de sutura Piên–Morretes (brasileira). Desse modo a evolução neoproterozóica do cinturão pode ser entendida como a colagem de uma série de terrenos tectônicos, incluindo arcos de ilha, margens passivas e fragmentos de embasamento paleoproterozóico e mesmo arqueano. Extensivo magmatismo granitóide do tipo andino (Cunhaporanga, Três Córregos, Agudos Grandes/Piedade, Socorro, Serra dos Órgãos), como tal devendo estar associado a margem ativa com subducção, afeta essas unidades e precede as primeiras etapas da evolução do sistema transcorrente que afetou toda região.